

**PEDIDO DE CONCESSÃO DO TÍTULO DE
PROFESSOR EMÉRITO DA UNICAMP AO PROF.
DR. ROBERTO SCHWARZ APRESENTADO AO
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA**

Campinas, 4 de novembro de 2021

Ilmo. Sr. Prof. Dr. Eduardo Sterzi de Carvalho Junior

DD. Chefe do Departamento de Teoria Literária

IEL/Unicamp

Prezado Chefe,

Os signatários deste documento vêm solicitar que seja encaminhado para a Congregação do IEL o pedido de concessão do Título de Professor Emérito da Unicamp ao Professor Dr. Roberto [Robert] Schwarz.

À luz do artigo 254 do Regimento Geral da Unicamp e da Deliberação 175/2013 da Congregação do IEL, sustentamos a solicitação de outorga do título de Professor Emérito ao Prof. Dr. Roberto Schwarz em dois pilares: (a) a imensa contribuição da obra de Roberto Schwarz para as ciências humanas em geral e, em particular, para os estudos literários; (b) a participação decisiva na estruturação do Departamento de Teoria Literária da Unicamp e o modo como sua atuação na crítica literária e no debate público ajudou a promover o nome da Unicamp nos âmbitos nacional e internacional.

Contribuição da obra de Roberto Schwarz para as ciências humanas em geral e, em particular, para os estudos literários

O aspecto mais notório da obra de Schwarz é o convite constante ao diálogo entre as várias disciplinas das ciências humanas e sociais, num contexto universitário em que a compartimentação dos saberes se tornou regra. Não é por acaso que, dentro dos estudos literários, Roberto Schwarz se destaca como um dos poucos intelectuais que conseguiu circular e influir fora do círculo restrito da especialidade acadêmica, fomentando debates também na ciência política, filosofia, historiografia e sociologia.¹

Isso pode ser atestado naquele que é seu texto até hoje mais conhecido e que ajudou o crítico a formular o programa de trabalho que nortearia os anos seguintes de sua trajetória intelectual: “As ideias fora do lugar”. Nesse texto, inicialmente publicado em 1973, Schwarz tira importantes consequências, para a análise literária e cultural, da primeira grande interpretação marxista da sociedade brasileira, tecida por Caio Prado Junior. Em *Formação do Brasil contemporâneo*, Prado Junior narra as imensas dificuldades envolvidas na transição de uma *colônia* – um ajuntamento de povos e capitais empregados para satisfazer as necessidades do mercado metropolitano – para uma *nação*, comunidade política assentada num contrato social e guiada por seus próprios interesses. A partir da tensa coexistência entre matriz colonial, baseada na economia agroexportadora e escravagista, e o discurso liberal de uma nação independente, Schwarz examina como essa suposta incongruência entre ideologia e prática social estrutura todo o imaginário cultural e político do Brasil do século XIX (mas indo além dele), dando *a impressão* de que as ideias, no Brasil, estariam fora do lugar.

O texto “As ideias fora do lugar” foi depois incorporado à sua tese de doutoramento em estudos latino-americanos, defendida na Universidade de Paris III, sob orientação do Prof. Dr. Raymond Cantel, em 1976. A tese foi publicada no Brasil com o título *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, em 1977, tornando-se desde então um marco da crítica literária brasileira. A tese inovadora de

¹ Para ficarmos apenas nas referências mínimas fora dos estudos literários, conferir textos discutindo a obra de Schwarz nas áreas respectivas da ciência política, filosofia, sociologia e história intelectual: RICUPERO, Bernardo. Da formação à forma: ainda “As ideias fora do lugar”. *Lua Nova*, n. 73, 2007, pp. 59-69; ARANTES, Paulo. *O sentimento da dialética: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. São Paulo: Paz e Terra, 1992; WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007; PALTÍ, Elias José. The Problem of “Misplaced Ideas” Revisited: Beyond the “History of Ideas” in Latin America. *Journal of the History of Ideas*, n. 67, 2006, pp. 149-169.

Schwarz é a de que a importação da forma romanesca em nosso país se deu por meio de impasses formais e contradições ideológicas, afinal, o romance realista pressupunha o dinamismo das sociedades liberais europeias, com o seu “cortejo de sublimes viscondessas, arrivistas fulminantes, ladrões ilustrados, ministros epigramáticos, príncipes imbecis, cientistas visionários” (SCHWARZ, 2000, p. 37), enquanto a paisagem brasileira era habitada por figuras de outra ordem social, a patriarcal-clientelista, que cimentava a economia escravagista. Ao estudar com minúcia o romance urbano de José de Alencar, Schwarz identifica uma incongruência entre a dicção realista do enredo, à moda europeia, e certa notação social focada no ambiente de clientela e proteção. Forma literária europeia e matéria brasileira andavam paralelas em Alencar, sem se misturar. Um dos grandes achados do crítico será argumentar que Machado de Assis foi o primeiro escritor brasileiro a plasmar produtivamente esses dois polos. A prosa machadiana evidenciará o *nexo* entre liberalismo e favor, modernidade e escravidão, numa configuração ideológica que parece inicialmente disparatada, mas obedece a um movimento *desigual e combinado* do capitalismo mundial.

Em 1986, Roberto Schwarz publica “Nacional por subtração”, no qual elabora uma interpretação materialista do problema das “ideias fora do lugar”, isto é, o diagnóstico, feito por parte significativa da inteligência brasileira, de que a nossa experiência social tem algo de inautêntico, postiço e imitado. De Sílvio Romero aos “cepecês” da UNE, o nacionalismo cultural brasileiro tem denunciado a falta de originalidade da elite brasileira, sempre disposta a mimetizar padrões estrangeiros e adotar, para os nossos dilemas, soluções já prontas do repertório das nações desenvolvidas. A crítica empreendida por Schwarz ao “mal-estar da cópia” mostra que as raízes de tal imbróglio se encontram no solo da extraordinária desigualdade social do país e que os polos antagônicos nacional/estrangeiro e cópia/original são insuficientes para se chegar ao cerne da questão. Schwarz argumenta que a sensação de exotismo adviria do fato de apenas uma parcela da população brasileira se integrar aos hábitos e padrões de consumo modernos. Se o acesso a ideias, mercadorias e instituições modernas fosse universal, a impressão de disparate desapareceria. Uma Constituição liberal num país escravocrata é um contrassenso ideológico grotesco, uma “ideia fora do lugar”. Já uma Constituição democrática num país com acesso universal à esfera da cidadania não causaria espanto. A crítica materialista que Schwarz faz

ao “mal-estar da cópia” repõe uma perene questão do pensamento social brasileiro em termos radicalmente novos, além de colocar a pauta da inclusão social no centro do debate estético e literário.

Em 1990, o crítico publica a sua obra de maior fôlego, escrita ao longo de 12 anos, *Machado de Assis: um mestre na periferia do capitalismo*. Nessa obra, é possível entrever um pesquisador em plena consciência de seu ofício, lidando magistralmente com um problema básico de todo empreendimento analítico: a escala. Em *Um mestre na periferia do capitalismo* podemos tanto perceber a minúcia do *close reading* – fazendo leituras sagazes, quase capítulo a capítulo, do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* –, quanto a interpretação global da prosa machadiana, lida como um farol cognitivo a iluminar conceitualmente os desvãos da formação social do Brasil. É um estudo que acompanha os detalhes do travejamento da frase ao mesmo tempo que constrói uma moldura sofisticada para entender as contradições de uma totalidade social (o capitalismo) a partir da perspectiva de suas periferias. Schwarz argumenta que a forma literária do romance *Memórias*, marcada pela volubilidade do narrador, fornece um *insight* para entendermos os movimentos estruturais da elite brasileira, que ora participa da modernidade pela porta da frente – apropriando-se do discurso iluminista-liberal e da fineza epigramática do moralismo francês –, ora participa pela porta dos fundos, beneficiários que eram da escravidão, não raro usando o discurso moderno como modo de justificar as conveniências típicas dos proprietários de escravos e latifundiários.

O impacto de *Um mestre na periferia do capitalismo* no campo dos estudos machadianos é imenso, marcando um verdadeiro divisor no campo. É importante ressaltar que, para além da contribuição que o estudo de Schwarz traz para a fortuna crítica de Machado de Assis, a partir de seus próprios méritos e pressupostos, o livro também acaba por estruturar um debate fecundo entre críticos que ora se aproximam das teses de Schwarz, ora se distanciam completamente de suas ideias. Intervenções em franco diálogo com sua obra, como as de Alfredo Bosi, Abel Barros Baptista, John Gledson e José Miguel Wisnik, enriqueceram o entendimento que temos de Machado de Assis. Nesse sentido, livros como *Ao vencedor as batatas* e *Um mestre na periferia do capitalismo* realizaram aquilo que os grandes estudos ambicionam fazer: ajudaram a elevar, de modo sistêmico, a qualidade do conhecimento produzido em um campo disciplinar.

Deve-se salientar também a importância da obra de Schwarz no debate internacional sobre a literatura mundial, difundido em vários

departamentos de literatura comparada mundo afora. Em artigo seminal, publicado em 2000, Franco Moretti lança as bases da revisão teórica em torno do termo cunhado por Goethe em 1824 [Weltliteratur]. Moretti se utiliza da teoria de sistema-mundo para conceber a literatura mundial como um sistema moderno *uno, desigual* entre suas partes (centro e periferia), mas funcionando de modo *combinado*. Formas literárias viajavam do centro para as periferias, onde encontravam matéria social em desalinho com os pressupostos sociais do modelo literário original. Moretti reconhece que Schwarz descobriu essa dinâmica de modo independente, a partir da angulação oferecida pela experiência brasileira da dialética entre forma europeia e matéria local (os críticos Masao Miyoshi e Meenakshi Mukherjee faziam achados semelhantes para, respectivamente, os romances japonês e indiano). Na argumentação de Moretti, Schwarz seria uma pedra angular da teorização contemporânea da literatura mundial. Isso pode ser notado também em outra obra que é referência no assunto: *Combined and Uneven Development: Towards a New Theory of World-Literature*, de autoria do Coletivo de Pesquisa de Warwick (2015).² O resultado é que hoje Roberto Schwarz é lido nos cursos de literatura comparada no Atlântico Norte³ como um autor que alicerça as discussões em torno da literatura mundial, e não apenas como um estudioso de assuntos brasileiros.

Por fim, para além de todas as qualificações de seu incontornável trabalho intelectual, podemos dizer que sua trajetória acadêmica foi marcada por claro reconhecimento de seu valor: foi bolsista do Guggenheim Memorial Foundation, membro do Institute for Advanced Studies em Princeton (1979), diretor de estudos da Maison des Sciences de l'Homme (1983), pesquisador visitante do Cedes (Centro de Estudios de Estado y Sociedad) de Buenos Aires (1986) e professor-visitante na Harvard University (1999).

² Para a edição brasileira, cf.: *Desenvolvimento combinado e desigual: por uma nova teoria da literatura-mundial*. Org. Alfredo Cesar Melo, Elena Brugioni e Paulo de Medeiros. Trad. Gabriela Beduschi Zanfelice. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

³ O impacto internacional de Schwarz pode ser explicado pelas traduções de seus ensaios em inglês. Em 1992 foi publicada uma coletânea de ensaios: *Misplaced Ideas: Essays on Brazilian Culture*. Trad. John Gledson. London: Verso, 1992. Esse foi o livro lido por Moretti e discutido no seu artigo sobre literatura mundial. E em 2001 foi publicada a tradução do seu grande livro machadiano: *A Master on the Periphery of Capitalism: Machado de Assis*. Trad. John Gledson. Durham: Duke UP, 2001.

(b) a participação decisiva na estruturação do Departamento de Teoria Literária da Unicamp e o modo como sua atuação na crítica literária e no debate público ajudou a promover o nome da Unicamp nos âmbitos nacional e internacional

Para melhor entendermos a contribuição de Roberto Schwarz para a Unicamp, uma pequena digressão sobre o processo formativo da universidade é necessária.

A Unicamp foi fundada em 1966 com um projeto de tornar-se uma universidade de primeira grandeza nacional em pouco tempo, sobretudo nos campos das ciências exatas e biológicas, engenharias e medicina. Para começar a pesquisa científica em alta voltagem, houve contratação de professores já estabelecidos em seus campos, como César Lattes (Física), José Ellis Ripper Filho (Computação), André Tosello (Tecnologia de Alimentos), Giuseppe Cilento (Química), entre muitos outros. Na área de ciências sociais e humanas, a situação era diferente, pois o Brasil vivia sob o regime militar, e as disciplinas humanísticas eram vistas como perigosas e subversivas. O núcleo das ciências sociais foi criado por Fausto Castilho a partir do Departamento de Planejamento Econômico e Social, em 1968, o que revela o intuito de mostrar que as ciências sociais também poderiam dispor de uma dimensão prática, além de se inserirem de modo colaborativo (e certamente mais cooperativo que outras ciências sociais) nos debates sobre desenvolvimento econômico do país.

Nesse contexto tecnocrático de modernização conservadora e de dura repressão política, a linguística foi escolhida como “ciência-piloto” das ciências sociais, capaz de, a um só tempo, fortalecê-las com maior rigor científico e fazer a ponte entre a área de humanas e a das exatas. Não por acaso, os professores contratados para iniciarem o departamento de linguística (Carlos Franchi, Carlos Vogt, Haquira Osakabe e Rodolfo Ilari) foram mandados para Besançon, na França, onde deveriam obter o mestrado sob a orientação do professor Yves Gentilhomme, um linguista com formação em matemática. Em 1977, o departamento de linguística se desmembrou do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e, sob o comando do Prof. Dr. Antonio Candido, foi criado o Instituto de Estudos de Linguagem (IEL). O IEL foi estruturado a partir de duas áreas principais (Linguística e Teoria Literária). Em 1978, Roberto Schwarz foi contratado e, no ano seguinte, tornou-se o chefe de departamento de teoria literária. Passou a liderar um departamento que se contrapunha a qualquer noção

tecnocrática de linguagem e buscava resgatar a mirada questionadora que a literatura lança sobre a vida social e política.

Essa descrição do cenário da fundação da Unicamp é essencial para entendermos o ponto de inflexão causado pelo grupo de professores que entrou nos departamentos de ciências sociais e humanas da Unicamp, durante os anos 1970, e que faziam essa área do conhecimento ser reconhecida por sua excelência internacional. No campo das Letras, Roberto Schwarz certamente desempenhou um papel crucial na promoção da pesquisa em ciências humanas e, em particular, na crítica literária, como algo que tinha *valor intrínseco* e que não precisava se justificar por conta de seu caráter possivelmente edificante para uma nação em desenvolvimento. E isso numa época em que os estudos literários, ao contrário, caracterizavam-se frequentemente por sua *negatividade* (no sentido de negar os pressupostos da ordem social vigente). Comentando sobre um grupo de professores seus, das ciências humanas da Universidade de São Paulo, que começaram a usar do instrumental marxista para analisar a história brasileira, Roberto Schwarz apontaria para o que considerava ser uma limitação de tal grupo: o seu nacionalismo. Para ele, “em última análise estávamos – e estamos – engajados em encontrar a solução para o país, pois *o Brasil tem que ter saída*. Ora, alguém imagina Marx escrevendo o *Capital* para salvar a Alemanha?” (SCHWARZ, 1999, p. 134). Donde se conclui que o espírito crítico na universidade deve se assentar na autonomia intelectual, que inclui a possibilidade de não se achar uma saída para o Brasil, o que seria melhor, na sua visão, do que achar supostas saídas dentro de sistemas sociais exploradores e iníquos.

A trajetória de Roberto Schwarz também evidencia que a autonomia intelectual da pesquisa feita na universidade pública não é sinônimo de especialização ensimesmada. Ele transformou a crítica literária num verdadeiro gênero público, alcançando e interpelando vários leitores além dos especialistas dos estudos literários. Escrevia textos densos e perspicazes em jornais de circulação nacional, como *Folha de S. Paulo* (nos seus cadernos *Mais! e Folhetim*) e *Estado de S. Paulo*; participou da formulação das políticas culturais do Partido dos Trabalhadores nos anos 1980; polemizou com as correntes artísticas mais vivas de sua época (Concretismo e Tropicalismo). Foi um intelectual público de primeira grandeza, levando o nome da Unicamp – associado ao seu – para o debate político e estético nos últimos 40 anos. Ademais, levou a teoria literária produzida na Unicamp a tornar-se

uma interlocutora fundamental das discussões acerca da literatura mundial e comparada (conforme vimos acima).

Diante de tudo o que foi argumentado acima, não temos dúvida de que o título de Professor Emérito é uma justa homenagem ao Prof. Dr. Roberto Schwarz. Suas contribuições para a crítica literária (em âmbito nacional e internacional) e para o fortalecimento da pesquisa em ciências humanas na Unicamp são inegáveis. Numa época em que o gerencialismo neoliberal transforma tantas universidades em meras fábricas de “produtos acadêmicos” para a administração do *status quo*, celebramos o modelo de intelectual público e de pesquisador que Roberto Schwarz nos oferece e com o qual tanto ajudou a Unicamp a ser uma universidade singular, inquieta e questionadora.

Subscrevem este pedido:

Prof. Dr. Alfredo Cesar Barbosa de Melo/IEL

Profa. Dra. Elena Brugioni/IEL

Prof. Dr. Fabio Akcelrud Durão/IEL

Prof. Dr. Jefferson Cano/IEL

Prof. Dr. Luiz Felipe de Alencastro/FGV-EESP – ex-Professor do IE/
Unicamp

Prof. Dr. Marcos Severino Nobre/IFCH – Presidente do Cebrap

Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo/IFCH – Coordenador do Arquivo do
Estado de São Paulo.

Solicitação aprovada unanimemente no Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem e Conselho Universitário da Unicamp.

REFERÊNCIAS

COLETIVO DE Pesquisa de Warwick. *Combined and Uneven Development: Towards a New Theory of World-Literature*. Liverpool: University Press, 2015.

MORETTI, Franco. Conjecturas sobre a literatura mundial. Trad. José Marcos Macedo. *Novos Estudos Cebrap*, n. 58, 2000, pp. 173-181.

SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 134.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. *Ao vencedor as batatas*. 2. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.